

## **CAPÍTULO 7 - A LIÇÃO DE ANATOMIA DO DR. TULP**

---

### **Lucas de Sá Carvalho**

Acadêmico do curso de Medicina  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/9434094929884441>  
[lucas.carvalho@uemasul.edu.br](mailto:lucas.carvalho@uemasul.edu.br)

### **Gabriel Osmar Aguiar Ferreira**

Acadêmico do curso de Medicina  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/2475532183256843>  
[gabriel.ferreira@uemasul.edu.br](mailto:gabriel.ferreira@uemasul.edu.br)

### **Amanda Cristine Silva Sousa**

Acadêmica do curso de Medicina  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/1169169098060514>  
[amandacristine.sousa@uemasul.edu.br](mailto:amandacristine.sousa@uemasul.edu.br)

### **Guilherme Fernandes da Silva Silveira**

Acadêmico do curso de Medicina  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/9385564102891504>  
[guilherme.silveira@uemasul.edu.br](mailto:guilherme.silveira@uemasul.edu.br)

### **João Vítor Albuquerque e Silva**

Acadêmico do curso de Medicina  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/7494422145478386>  
[joao.albuquerque.silva@uemasul.edu.br](mailto:joao.albuquerque.silva@uemasul.edu.br)

### **Gustavo Bender Hendges**

Acadêmico do curso de Medicina

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/1098222710237022>  
gustavo.hendges@uemasul.edu.br

**Saleth Victoria Pinheiro Maciel**

Acadêmica do curso de Medicina  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/3891161795256289>  
saleth.maciel@uemasul.edu.br

**O sonho acordado é que é a realidade - Lucas de Sá Carvalho**

*“Fiquei sozinha um domingo inteiro. Não telefonei para ninguém e ninguém telefonou. Estava totalmente só. Fiquei sentada num sofá com o pensamento livre. Mas no decorrer deste dia até a hora de dormir tive umas três vezes um súbito reconhecimento de mim mesma e do mundo que me assombrou e me fez mergulhar em profundezas obscuras de onde saí para uma luz de ouro. Era o encontro do eu com o eu. A solidão é um luxo”. (Clarice Lispector)*

O trecho expresso é da obra “Um Sopro de Vida”, escrito por Clarice Lispector antes de sua morte. Na qual a autora faz uma reflexão acerca da vida, morte e da metalinguagem – da sua própria escrita – juntamente com todo o processo solitário envolvido nesse intervalo.

Clarice se encontra uma crise criativa juntamente com uma crise pessoal, de identidade, quando começa a se perder da sua própria consciência, a qual é atormentada pela proximidade da morte e pelas incertezas sobre sua própria existência, questionando o significado da vida.

A Clarice Lispector explora, nesse trecho, a experiên-

cia da solidão de um domingo, dia típico para repensar nossa semana, o que temos feito durante o mês, não raro, o que estamos fazendo ao decorrer da vida. A narradora passa um domingo inteiro sozinha, sem contatar ninguém e sem receber ligações.

Ela descreve-se como totalmente só, sentada em um sofá, com o pensamento livre. Durante o dia, porém, ela experimenta momentos em que se reconhece subitamente, tanto a si mesma quanto ao mundo, o que gera uma sensação angustiante e altamente poderosa, a qual ela pode reconhecer a si mesmo com uma singularidade capaz de sentir o mundo a sua volta, o que muitas vezes vem acompanhada de uma obscuridade que a assombra.

No entanto, ela emerge dessa escuridão para uma luz de ouro, representando um encontro consigo mesma. A frase final, “A solidão é um luxo”, sugere que a solidão pode ser uma experiência enriquecedora e valiosa, o que contrapõe a ideia do senso comum que justifica a solidão como algo indesejável para qualquer ser humano, mas desconsidera que pode ser um lugar de reflexão, conhecimento e a análise e encontro com uma parte de nós mesmos da qual costumamos fugir.

Ademais, cabe ressaltar a diferença, muitas vezes, confundida, de solidão para solitude. A solidão é entendida como um sentimento de desconexão com o sentimento e de isolamento, associado a separação dos demais, acompanhada de vazio, angústia e tristeza. Decorrente do esvaziamento

e da liquidez dos vínculos afetivos ou de um sentimento de não aceitação perante a visão do outro.

Em contrapartida, a solidão é vista como uma experiência positiva, enriquecedora e capaz de semear um solo fértil de ideias. A solidão é um tempo e um espaço dedicado à introspecção, à reflexão e ao autoconhecimento.

A solidão pode ser vista como uma oportunidade de conhecer o eu, reconectando-se consigo mesmo, tendo uma recarga emocional com seus próprios sentimentos, desejos e pensamentos. Ambas as perspectivas, solidão e solidão são fundamentais e devem conviver de forma simultânea, buscando um equilíbrio entre esses dois conceitos.

\*\*\*

### **Uma visão holística da Medicina possibilitada pela arte literária - *Gabriel Osmar Aguiar Ferreira***

A relação entre arte, especificamente a literatura, e medicina é profundamente significativa. Ambas compartilham uma afinidade na sua capacidade de explorar a condição humana, oferecendo reflexões sobre aspectos físicos, emocionais e psicológicos da vida.

A literatura tem o poder de cultivar a empatia e a compaixão nos leitores, permitindo que eles se identifiquem com os personagens e suas experiências.

Da mesma forma, na medicina, a empatia e a compaixão são essenciais para estabelecer uma relação terapêutica

eficaz entre médico e paciente. Os médicos precisam compreender e se conectar emocionalmente com os pacientes para fornecer um cuidado mais holístico e centrado na pessoa.

A literatura oferece aos autores uma plataforma para expressar seus pensamentos, sentimentos e experiências de forma criativa. Da mesma forma, os médicos podem usar a escrita como uma ferramenta para refletir sobre suas práticas clínicas, experiências pessoais e dilemas éticos.

Escrever sobre questões médicas pode ajudar os profissionais de saúde a processar e compreender melhor suas próprias experiências, promovendo o crescimento pessoal e profissional.

A literatura tem o poder de humanizar a prática da medicina, destacando a humanidade por trás dos casos clínicos. Através de histórias e personagens, os leitores podem compreender as complexidades da experiência humana, incluindo a dor, o sofrimento, a esperança e a resiliência.

Da mesma forma, os médicos podem se inspirar na literatura para adotar uma abordagem mais humanizada no cuidado com os pacientes, reconhecendo sua singularidade e dignidade.

No livro “O que os médicos não contam: entre a razão e o coração, as confissões de um jovem médico”, de Matt McCarthy, há uma jornada que transcende os limites da prática médica, incorporando elementos da arte literária para oferecer uma narrativa envolvente e reveladora sobre a com-

plexidade da profissão médica e a dinâmica entre médico e paciente.

Ao longo da obra, McCarthy não apenas compartilha suas experiências como médico em formação, mas também utiliza a arte da escrita para explorar os desafios emocionais, dilemas éticos e momentos de crescimento pessoal que enfrentou ao longo do caminho. Através de suas histórias, transporta-se para o mundo dos hospitais, onde o autor enfrenta situações que vão desde momentos de triunfo até crises de confiança e incertezas.

É interessante observar como a literatura se entrelaça com a medicina neste contexto. Assim como um autor utiliza as palavras para criar personagens complexos e narrativas envolventes, um médico como McCarthy usa suas habilidades de observação, empatia e comunicação para compreender e cuidar dos pacientes de forma holística.

Ele reconhece a importância de não apenas tratar as doenças, mas também de entender a história e as necessidades emocionais de cada indivíduo que cruza seu caminho.

Além disso, McCarthy destaca a pressão e as expectativas associadas à profissão médica, revelando como a prática da medicina pode ser exigente e desafiadora. Através de sua escrita sincera e reflexiva, ele convida os leitores a refletirem sobre a realidade por trás da imagem glamorosa muitas vezes associada à medicina, ressaltando os sacrifícios e as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de saúde.

Dessa forma, “O que os médicos não contam” exempli-

fica como a arte literária pode ser uma poderosa ferramenta para explorar temas complexos e provocar reflexões sobre questões fundamentais da existência humana, como saúde, doença, empatia e compaixão.

Por meio das histórias e experiências compartilhadas por McCarthy, os leitores são convidados a repensar suas próprias visões sobre a medicina e a reconhecer a importância de abordar os pacientes não apenas como casos clínicos, mas como seres humanos completos, com suas próprias histórias, emoções e necessidades.

\*\*\*

### **O estetoscópio e o pincel** - *Amanda Cristine Silva Sousa*

Entre as paredes brancas e os quadros coloridos, onde a ciência encontra a expressão mais sublime da arte, a medicina e a arte se entrelaçam como fios invisíveis, formando uma tapeçaria única e complexa. Os corredores do hospital se assemelham à galerias silenciosas, onde os médicos são os curadores de uma coleção de histórias de vida.

Em uma sala de espera, os pacientes aguardam ansiosos, seus olhares perdidos nas pinturas que adornam as paredes. O médico, ao entrar, transforma-se em narrador de um conto de saúde e superação. Cada diagnóstico é uma página virada, e o tratamento, uma jornada em direção à restauração.

A sala de cirurgia, por sua vez, é um palco onde se

desenrola uma performance meticulosa. O bisturi é a caneta do cirurgião, traçando linhas invisíveis que corrigem a narrativa da saúde. O monitor, como uma tela em branco, exhibe gráficos e números que são interpretados como uma partitura, guiando a orquestra do procedimento médico.

Os enfermeiros, verdadeiros artistas do cuidado, desenham sorrisos nos rostos dos pacientes, criando uma atmosfera de conforto e esperança. Suas mãos habilidosas aplicam medicação como pincéis que acariciam a tela da recuperação, enquanto suas palavras são notas musicais que acalmam os corações inquietos.

A medicina e a arte compartilham a busca pela beleza e pela compreensão da condição humana. Assim como um pintor escolhe cuidadosamente suas cores, o médico seleciona os medicamentos e tratamentos, com a esperança de criar uma obra-prima que celebre a saúde e a vida.

No encontro entre o estetoscópio e o pincel, a poesia da cura se revela. Os artistas da medicina, com seus conhecimentos técnicos e sensibilidade, transformam a jornada da doença em uma narrativa de superação. Cada consulta, um capítulo; cada intervenção, uma virada de página.

Assim sendo, a arte e a medicina dançam juntas, uma coreografia intrincada de conhecimento e compaixão. Enquanto o médico trata o corpo, a arte eleva a alma, formando uma sinfonia que ressoa nos corredores do hospital e transcende as barreiras da enfermidade. Nessa junção singular, a medicina não é apenas uma ciência, mas uma forma de arte

que esculpe a esperança e pinta os contornos de uma vida saudável.

\*\*\*

### **Tocando vidas** - *Guilherme Fernandes da Silva Silveira*

Desde pequeno, Guilherme sempre se interessou pelos mistérios do corpo humano. Ao crescer, ele decidiu seguir o caminho da medicina, encantado pela ideia de aliviar o sofrimento dos outros.

Ingressou na faculdade de medicina, onde mergulhou em estudos e experiências intensas. No hospital, enfrentou desafios e aprendeu a importância de unir ciência e compaixão. Sua jornada era como um livro em branco, com cada página sendo preenchida por histórias de pacientes que lhe confiaram suas vidas.

Em uma manhã chuvosa, Guilherme foi chamado para atender uma senhora idosa chamada Dona Clara. Ela tinha um sorriso gentil, mas seus olhos carregavam anos de dores e desafios. Guilherme, com seu jaleco branco e estetoscópio, sentou-se ao seu lado para ouvir sua história.

Dona Clara compartilhou suas memórias, alegrias e tristezas. Guilherme não apenas diagnosticou seus sintomas, mas também compreendeu a mulher por trás da paciente. Ele prescreveu tratamentos, mas também ofereceu palavras de conforto, transformando a sala de consultas em um espaço de cuidado genuíno.

Ao longo dos anos, Guilherme continuou a escrever sua história como médico. Ele testemunhou nascimentos e enfrentou despedidas difíceis. Cada paciente deixou uma marca em seu coração, e ele se tornou não apenas um curador de doenças, mas um confidente em momentos de fragilidade.

Guilherme percebeu que a medicina não era apenas sobre diagnosticar e tratar, mas também sobre estar presente, ouvir e nutrir a esperança.

Ele entendia que a arte de ser médico ia além dos livros e das salas de cirurgia; era sobre construir conexões e ajudar as pessoas a escreverem capítulos mais saudáveis em suas próprias histórias de vida. E assim, a jornada de Guilherme como médico continuou, cheia de desafios, mas também repleta de gratidão por cada vida que tocou.

\*\*\*

## Ciência e Caridade - *João Vítor Albuquerque e Silva*

Pablo Picasso. *Ciência e Caridade*. 1897; óleo sobre tela;  
197 cm × 249.5 cm



Fonte: Museu Picasso, Barcelona

As habilidades necessárias para a prática médica e artística são semelhantes, e ao longo da humanidade se relacionaram.

A obra de arte acima, *Ciência e caridade* (1897) de Pablo Picasso, traz na sua temática principal basicamente uma característica inerente do fazer médico e demonstrando que a figura médica é muito além do que aquele sacerdócio com complexo de Deus.

É o cuidado da família, é a manutenção de um bom estilo de vida com práticas de promoção da saúde. Arte e medicina se

relacionaram de outras formas também como na dramaturgia, no cinema ou na poesia, por isso tentarei demonstrar a relação conjunta que essas duas áreas do conhecimento apresentam:  
No coração do hospital, pulsante,  
A alma da cura, incessante.  
Agentes da saúde, silenciosos heróis,  
Levam muito mais que a vida para fora dos quartos frios.

O olhar médico é uma lente da mais pura empatia.  
Escutam todas aquelas dores e melancolia.  
A angústia os cerca, o medo de errar,  
Mas nunca é o impeditivo para tentar acertar.

O bisturi é a caneta do cirurgião,  
Que escreve as histórias de renovação.  
Tudo isso pode ser o que você quiser chamar:  
Profissão, vocação, mas acima de tudo uma paixão.

Essa jornada até a formação, traz muitas tristezas e alegrias,  
Choques de realidade e responsabilidade em todos os dias.  
Nessa caminhada, constrói-se uma autonomia.

\*\*\*

**Dr. House e a reflexão acerca da relação médico-paciente humanizada-** *Gustavo Bender Hendges e Saleth Victoria Pinheiro Maciel*

House, MD (Dr. House, como é mais conhecido no Brasil) é uma série norte-americana da emissora Fox, que se passa em um hospital de Nova Jersey (EUA). Foi exibida pela primeira vez em 2004 e nela é retratado o trabalho de

Gregory House, um médico especialista em investigação de diagnósticos emblemáticos e difíceis.

No entanto, apesar de seu ótimo desempenho com a parte biológica da medicina, Dr. House apresenta um tremendo desinteresse pelo lado humano e psicossocial de seus pacientes e apresenta uma personalidade sarcástica, mal-humorada e antissocial.

Principalmente, nas primeiras temporadas, House considera, na maioria das vezes, o contato com o paciente irrelevante para o diagnóstico e tratamento das doenças. Ele acredita que o médico deve tratar a doença e não o paciente, sendo, muitas vezes, arrogante e pretensioso e se encontra frequentemente diante de dilemas éticos.

A série é interessante por ter um protagonista que, apesar de ser um gênio e salvar muitas vidas, não é um médico perfeito e, assim como qualquer ser humano, tem virtudes e defeitos. É possível observar, em alguns momentos, seu lado empático quando os pacientes conseguem tocar esse lado dele.

É notável que House é um médico, no mínimo, “fora da caixinha” e, portanto, não é um modelo a ser seguido 100%. Seria ótimo se existissem tantos médicos geniais como House, porém suas relações interpessoais tanto com os pacientes, quanto com sua equipe, não devem ser seguidas como exemplo.

Saber desenvolver uma boa relação, principalmente, com o paciente é essencial e facilita o trabalho do médico. É

importante se preocupar e levar em consideração as questões psicossociais do paciente, pois elas se ligam diretamente ao aspecto da doença e tratamento dele. Ser empático, gentil, educado e sensível também são aspectos que tornam o médico um excelente profissional.

A série, apesar de fictícia, cria enormes discussões acerca do profissional médico e suas relações com o paciente. Ela cumpre um dos principais papéis da arte, que é causar reflexão ao indivíduo que a consome.

Quando assistida, ela deve provocar, principalmente, nos estudantes e profissionais da área, um debate sobre a atuação profissional dessa categoria e seus impactos, visto que é uma área que atua diretamente com seres humanos e tem objetivo de tratá-los como são, sem reduzi-los a enfermidades, como retratado várias vezes na série na atuação profissional do Dr. House.

Assim, a humanização no atendimento médico-paciente é de suma importância. Apesar da fama do personagem supracitado, principalmente na sua capacidade de diagnosticar e tratar pacientes, seus hábitos com os pacientes não devem ser reproduzidos na realidade. Humanizar o paciente é olhá-lo como um todo, um ser pensante, racional e que tem sentimentos, que tem uma história pra contar. A junção dessas características resume um ser humano e na hora de atendê-lo, nós estudantes e profissionais da área médica, também devemos ser.